

O PROFESSOR PRECISA SER CUIDADO

Duglas Wekerlin Filho¹

Ser professor é cuidar que o aluno aprenda, este é o título de um livro do conhecido professor brasileiro Pedro Demo (2004), no qual ele demonstra a importância do professor na mediação da aprendizagem dos alunos. Se por um lado podemos perceber que o professor tem de cuidar que o aluno aprenda, por outro, e no mesmo processo de ensino-aprendizagem, há a necessidade de o professor ser cuidado, porém o que tem sido dito atualmente com muita ênfase ***é que o professor é o principal ator no fracasso da educação brasileira***. É evidente que o professor ***é parte do problema e parte da solução***, pois esta situação tem uma abrangência maior, são múltiplas as variáveis que atuam no processo de aprender e de ensinar, se de um lado muitos vêem os professores como vilões há também os que os consideram como vítimas.

Os argumentos dos que colocam os professores como culpados são baseados nos resultados obtidos por nossos alunos nas avaliações nacionais e internacionais e que não são bons, ***muitas vezes são alarmantes***, porém de nada adianta apenas diagnosticar. Há que se ter ações para modificar as situações identificadas.

Culpar o professor por todo o fracasso educacional, no mínimo, é querer ser míope. Há que se ***cuidar da formação*** dos professores, porém há que se ***cuidar, também, da saúde dos professores brasileiros***.

Muitos são os professores que estão desenvolvendo transtornos mentais a partir do dia-a-dia vivenciado nas escolas, como podemos verificar nos dados apresentados pelo Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP). Tabela 1.

¹ Professor Assistente doutor da Universidade São Francisco.

TABELA 1 - PROBLEMAS DESENVOLVIDOS PELOS PROFESSORES

PROBLEMA	%
Angústia	44
Ansiedade	55
Cansaço	80
Depressão	25
Esquecimento	48
Estresse	46
Insônia	34
Nervosismo	61

FONTE: APEOESP (2006)

O que é mostrado em relação à saúde dos professores **é tão preocupante, ou mais**, quanto à falta de competência de muitos professores. Se eles não se sentirem bem física e mentalmente não há formação que melhore o processo de ensino-aprendizagem. **Os professores precisam ser acolhidos** nos diferentes ambientes educacionais, **pois se isto não ocorrer de nada adianta querer que eles acolham os alunos**, pois se o fizerem não será algo que estão sentindo e, portanto, o efeito não será potencializado, mas enfraquecido, não vivenciado. Então, fazer para quê?

Etimologicamente, acolher vem do latim **accolligere**: dar acolhida a, hospedar, recolher, proteger (CUNHA, 1986).

Acolhimento não significa tampinha nas costas, abraços, dinâmicas de grupo, fazer chorar. Também é isto, mas é muito mais, é cuidar da integridade física e mental, é dar condições para que a criatividade **ressurja**, é dar recursos para que os professores possam ser competentes no que fazem, é ter compromisso com as pessoas que vivem nos ambientes educacionais, é ter metas a cumprir, é remunerar o suficiente, **é celebrar a presença de todos e de cada um**.

Caso isso não aconteça, como trabalhar em um local onde a violência toma conta? Como trabalhar em um ambiente em que se é ameaçado diariamente? Como trabalhar em um ambiente no qual se foi atingido fisicamente? Como trabalhar em um ambiente em que se foi

atingido moralmente? Como trabalhar em um ambiente em que se ganha o mínimo que mal dá para a alimentação? Claro que o mundo mudou e está mudando. Outras profissões também estão sendo atingidas pelos fenômenos econômicos de cada país. Uma profissão que se pensava que nunca seria atingida é a médica, e que está passando por uma forte crise, financeira e de formação.

Com tudo isso, eu não quero minimizar a responsabilidade dos professores frente aos alunos, mas é necessário relativizar o que está ocorrendo. O ensino público e o privado estão passando por crises parecidas em relação às diferentes formas de violência. Se por um lado os estados e municípios não garantem segurança aos professores, nas escolas particulares os gestores preferem que não haja conflitos entre professores e alunos. Como ser professor nestas condições?

Candau (2000, p.144) dá um exemplo da fala de uma professora de uma escola pública: "[...] Tinha tudo para ser um grande homem. Era inteligente e contestador. Levei zero na prova da vida, não venci o desafio [...] **a minha maior dor é perder um aluno para o tráfico**".

A professora se sente atingida, impotente, imobilizada, nada pode fazer para mudar a situação, pois o tráfico é mais sedutor. Como fica esta professora? Como fica a saúde mental dela? Ela está preparada para a perda?

Como educar nesses ambientes em que a sobrevivência é mais importante? Como se preocupar com Pitágoras, com Einstein, com Copérnico, com ortografia se as pessoas têm de se preocupar com as ordens dadas pelos chefes do tráfico? Quem decide não cumpri-las corre risco de morte.

Nas escolas particulares há diferentes formas de agressão, como a intimidação, a agressão física e as agressões morais que são divulgadas nos diferentes recursos que a internet propicia, porém, isso tudo não é divulgado, pois pode macular a imagem delas e estas

podem perder os seus clientes. Os professores ficam à mercê deles mesmos correndo todos os riscos possíveis.

Tanto nas escolas públicas como particulares os professores ficam à mercê deles mesmos e assumem todos os riscos. Não há formação para que eles possam trabalhar com a violência. Evidente que não é só a formação que vai diminuir a violência, tem de haver políticas públicas e programas que tratem da violência escolar.

Nos Estados Unidos a preocupação com a violência escolar é muito grande, pois muitos casos graves já ocorreram e que por agora têm diminuído. ***O que tem preocupado atualmente é a crueldade, a ferocidade dos ataques que tem aumentado***, bem como a formação de gangues só de meninos e só de meninas com idade entre 12 e 13 anos. (GALL; ROBERTZ, 2007).

No Brasil a formação de gangues ainda é muita recente e não há casos que foram divulgados, porém as escolas precisam se preocupar, pois esse fenômeno tem abrangência mundial (GALL, 2007).

A pesquisadora brasileira Viviane de Oliveira Cubas, ao citar a pesquisa de Catherine Blaya (2003) dá pistas de como os alunos se sentem e o que pode dar origem a violência escolar.

Os resultados mostraram que as escolas que apresentam menor número de casos de agressões e onde a probabilidade de ocorrer eventos violentos é menor são aquelas onde o papel dos professores não fica limitado apenas à docência, mas inclui atividades extras com os alunos e onde existe ainda a promoção da união do corpo docente e bons contatos entre a escola e comunidade. Através de sua pesquisa descobriu ainda que os mesmos alunos que são protagonistas de atos violentos sentem-se agredidos quando não são escutados ou quando não há interesse efetivo dos professores pelos alunos (CUBAS, 2006, p.40).

As palavras de Cubas nos dão a idéia de como os alunos se sentem ao participarem do processo de ensino-aprendizagem. Eles não querem ser desprezados. Humberto Maturana (1997; 1998) coloca-nos que ***o contrário do amor não é o ódio, é o desprezo***. Isso pode ser

visto na pesquisa de Blaya (2003). Ela afirma que quando **os professores desistem de seus alunos** obstaculizam-se as mediações pedagógicas, pois se os alunos encontram-se sós com seus sofrimentos, ***a única coisa que lhes garante que sejam notados é a violência.***

No entanto seria injusto culpar apenas os professores, pois eles também passam por processos semelhantes, ou seja, ficam sós na mediação das atividades diárias nas escolas e são vítimas das mais diferentes formas de agressão.

As pesquisas têm demonstrado que a saúde mental dos professores vai mal. Em um trabalho publicado em dezembro de 2006 na revista *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, intitulado: "Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil", Sandra Maria Gasparini, Sandhi Maria Barreto e Ada Ávila Assunção demonstram a importância de se cuidar da saúde dos professores.

O trabalho traz informações importantes sobre os 751 professores que participaram da pesquisa. A idade média foi de 41 anos, 67% consumiam bebidas alcoólicas, 49% não praticavam exercícios regularmente, e houve associação entre os transtornos mentais e o uso de medicamentos para alterar o sono. Essa pesquisa revela que a prevalência de transtornos mentais é cerca de 50%.

A pesquisa dá indícios que os professores jovens estão sendo acometidos por transtornos mentais e sugere um desgaste acelerado dos professores.

Não é apenas uma questão de vitimar os professores, mas de perceber o que está realmente acontecendo com eles, ou seja, eles estão sujeitos aos diferentes tipos de transtornos mentais. Não há como negar esse fenômeno que está atingindo muitos professores, ***porém culpá-los por tudo o que tem acontecido na educação brasileira é no mínimo injustiça, falta de visão do macrossistema em que os sistemas educacionais estão imersos.***

O que precisa ser considerado, urgentemente, é que professores e alunos precisam ser cuidados nos diferentes sistemas em que eles desenvolvem as suas atividades diárias, o processo de ensino-aprendizagem deve ser sadio para todos que participam dele.

Há que se ter acolhimento, porém não pode haver a banalização das emoções e sentimentos, eles nos informam como estão as pessoas diariamente, pois é a partir dessas emergências que o ensinar e o aprender podem ser eficazes.

Devemos lembrar que as emoções são públicas enquanto os sentimentos privados e que o teatro das emoções é o corpo e o teatro dos sentimentos é a mente (DAMÁSIO, 2004), *por isso a mediação da aprendizagem deve ocorrer em um ambiente em que o cuidado deve predominar e não o medo. O maior sofrimento é aquele em que ninguém cuida*, portanto alunos e professores não podem ficar à mercê deles mesmos.

Se nós queremos melhores resultados nas avaliações dos estudantes e dos professores brasileiros necessitamos focar os nossos olhos nas realidades dos diferentes locais em que há escolas. Não é **necessária tecnologia de ponta**, porém **há que se cuidar dos professores** que ainda vêem na educação a matéria-prima para que as mudanças possam ocorrer. Como afirma Demo (2006, p.88):

Urge cuidar do professor, se quisermos que cuide do aluno. Significa dizer que não basta apresentar-lhe toda argumentação científica disponível. É sobretudo imprescindível atingir sua alma, emoção, crenças e valores. Não se trata de mudar de camisa. Trata-se de mudar de cultura e isto é empreitada hercúlea, aberta e incerta. No fundo, não faz sentido exigir de alguém desempenhos inauditos, se não garantimos mínimas condições de trabalho.

Há que se ter rigor na educação e também sensibilidade quanto à vida diária nas escolas brasileiras, pois caso isso não aconteça estaremos correndo o risco de termos escolas, **mas sem professores**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APEOESP (Sindicato dos Profissionais do Ensino Oficial do Estado de São Paulo). **Professores com os nervos à flor da pele**. Disponível em: <<http://www.apoesp.org.br/teste/Fax/049.htm>>. Acesso em: 14 set. 2006.

BLAYA, Catherine. A paz está na mão da escola. **Nova Escola**, São Paulo, n.165, 2003.

CANDAU, Vera Maria (Org.). **Reinventar a escola**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CUBAS, Viviane. Violência nas escolas: como defini-la? In: RUOTTI. **Violência na escola**: um guia para pais e professores. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GALL, Fernand. Ordem e desordem nas escolas. **O Estado de São Paulo**, 17 jun. 2007.

DEMO, Pedro. **Ser professor é cuidar que o aluno aprenda**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DEMO, Pedro. **Aposta no professor**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

DAMÁSIO, António. **Em busca de Espinosa**: prazer e dor na ciência dos sentimentos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.22, n.12, dez, 2006.

MATURANA, Humberto. **Antologia e realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMB, 1998.

ROBERTZ, Frank T. Deadly dreams. **Scientific American Mind**, New York, USA, Aug./Sep., 2007.